

UMA POÉTICA DE RELAÇÕES: O ESTRUTURALISMO NA OBRA DE OCTAVIO PAZ

RESUMO

Este ensaio tem como proposta analisar os aspectos estruturalistas da obra de Octavio Paz, bem como mostrar em que medida o autor estabelece um diálogo criativo com o estruturalismo de Lévi-Strauss e com a filosofia oriental, ao construir o seu conceito de analogia.

ABSTRACT

This essay analyses the structural aspects of Octavio Paz's work. It also aims at discussing how the author establishes a creative dialogue with the Levi-Strauss' theory and the oriental culture, in order to create his concept of analogy.

“Assim como não podemos de modo algum pensar em objetos espaciais fora do espaço, em objetos temporais fora do tempo, também não podemos pensar em *nenhum* objeto fora da possibilidade de sua ligação com os outros”.

(Wittgenstein)

Dentre as várias experiências vivenciadas por Octavio Paz ao longo de sua carreira diplomática, destaca-se o seu contato com o estruturalismo, no início da década de sessenta, quando passou três anos em Paris, a serviço da Embaixada do México.

Paz, que já vivera seis anos na capital francesa a partir de 1945, tendo inclusive participado do movimento surrealista, ao lado de André Breton, encontra no fervilhar das idéias estruturalistas dos anos sessenta referenciais teóricos que o levarão, não apenas a revisar sua obra crítica anterior, composta de obras como *El laberinto de la soledad* e *El arco y la lira*, como também acrescentar novas diretrizes à sua produção poética e ensaística dos anos subsequentes.

Pode-se dizer que, sobretudo a partir da sua dupla descoberta da antropologia lévi-straussiana e da lingüística estrutural de Jakobson, Paz vai epovoar teoricamente a sua obra, já habitada pelas vozes do Surrealismo e da mística oriental, dando, assim, uma outra roupagem aos seus conceitos e poesia e de cultura.

Los signos en rotación, *El signo y el garabato* e *Conjunciones y disyunciones* são alguns dos textos resultantes dessa descoberta que culminou, em 1967, na publicação do livro *Claude Lévi-Strauss o el nuevo estín de Esopo*, onde o poeta mexicano expõe, de maneira mais explícita e movido pela “paixão crítica”, as suas inquietações teóricas frente à antropologia lévi-straussiana, interpretada por ele em confronto e a partir dos preceitos lingüísticos de Jakobson e da filosofia oriental.

Esse livro, marcado por uma dicção que oscila entre a subjetividade e a reflexão, e caracterizado pelo próprio autor como resultado de suas “impressões e cavilações” em torno do pensamento sinuoso do intelectual francês, não só discute o conceito antropológico de *mito*, nele buscando elementos para um redimensionamento dos conceitos de poesia, leitura e tradução, como também problematiza criativamente, sob o lume do poético, os pontos constelares do método estrutural. Pontos que vão aparecer, recriados, ao longo de toda a trajetória teórica do poeta-crítico.

Pode-se dizer que, a partir da noção de *estrutura* – compreendida como uma invariante que se repete tanto no mito, quanto na linguagem e nos sistemas de parentesco, e configurada como um “sistema de relações”, movido por uma lógica binária e inconsciente – Paz amplia e redefine as suas reflexões sobre o que considera a base de sustentação da linguagem poética: a *analogia*.

Partindo da idéia de que tanto o universo quanto a linguagem estão regidos por um *ritmo* universal, fundado no jogo de afinidades e de oposições simultâneas entre os signos, Paz particulariza o poema como lugar onde esse leque de correspondências se materializa de maneira mais evidente. Sob sua ótica, o poema, por ser composto de frases ou unidades mínimas nas quais sons e sentidos se relacionam, seja pela semelhança, seja pela oposição, é, ele mesmo, um pequeno cosmos em movimento, no qual a conjunção e a disjunção das alteridades em relação se faz ver sincronicamente.

Com isso, reformula, pelo viés do conceito lévi-straussiano de *combinatória* e do princípio das equivalências de Jakobson, a noção tradicional de analogia, secularmente vista como uma relação de semelhanças, centrada na idéia de identidade sem frestas entre os termos. Ou seja, se, para o conceito antigo de analogia, o que se repete na linguagem é a *ordem* das coisas do universo, no conceito paziano o que se repete é o *ritmo*, entendido como um “campo de relações”, cuja função, longe de ser a de anular as diferenças, é, sim, a de “atar alteridades”, mostrando que isto é aquilo, sem que o isto e o aquilo deixem de ser independentes um do outro.

Enfim, Paz confere à analogia a potencialidade inventiva de criar um jogo tensional entre os signos, através de dois liames gramaticais: o *como* e o *é*.

Nas suas palavras:

“La analogía es la ciencia de las correspondencias. Sólo que es una ciencia que no vive sino gracias a las diferencias: precisamente porque esto no es aquello, es posible tender un puente entre esto y aquello. El puente es la palabra como o la

palabra es: esto es como aquello, esto es aquello. El puente no suprime la distancia: es una mediación; tampoco anula las diferencias: establece una relación entre términos distintos. La analogia es la metáfora en la que la alteridad se sueña unidad y la diferencia se proyecta ilusoriamente como identidad. " (Los hijos del limo, p.109-110)

É importante frisar que esses termos distintos, sob o prisma paziano, são os signos poéticos em toda a sua dimensão dialógica, quer dizer, nos níveis semântico e fonológico, uma vez que Paz contesta, como Jakobson, a arbitrariedade dos signos proclamada por Saussure. Ele acredita, na esteira do lingüista russo, que, na poesia, "a equivalência de sons, projetada na seqüência como seu princípio constitutivo, implica inevitavelmente equivalência semântica"¹. Os sons se associam uns aos outros e mobilizam os significados que, sob o mesmo ritmo de conjunção e disjunção, se ligam a outros signos, gerando uma cadeia múltipla e polissêmica.

Assim, a analogia seria, para Octavio Paz, o que Haroldo de Campos, também partidário da não-arbitrariedade dos signos, chamou de "a não-lógica do terceiro incluído, onde uma coisa pode deixar de ser igual a si mesma para incorporar o outro, a diferença, desde que postulada uma relação de similaridade, cabendo ao poeta (sendo mesmo sinal de seu gênio) perceber essas relações, essas afinidades simpoéticas, capazes de reconciliar, no amplexo da mesmidade assim relativizada, o estranhamento subversivo da outridade."²

O como e o é mencionados por Paz funcionariam, dentro dessa lógica, como a ponte que torna possível esse "amplexo", por substituir a equação tautológica do $x=x$ por "uma flexível, e arriscadamente idiossincrática, equação de similaridade" representada tanto pelo x é como y , quanto pelo x é y (esta, no campo semântico, podendo gerar a metáfora).

Com relação à metáfora (uma espécie de analogia condensada), o fato de a mediação indiciar uma identidade não implica, como se possa pensar, uma coincidência entre os termos. Como explica Paul Ricoeur, citado por Perelman, "a conjunção coloca, neste caso, ao mesmo tempo uma afirmação e uma negação"³: x é y e x não é y . Daí a metáfora, segundo Perelman, mais que a comparação (mediada pelo como), ter a vantagem de poder gerar também o paradoxo, através do qual, o pensamento pode mais facilmente circular nos dois sentidos ao mesmo tempo.

Octavio Paz, devoto da metáfora, atribui a ela um poder de desdobramento quase que infinito. Poder que, segundo ele, é inerente a todo procedimento analógico, uma vez que, como atestou Lévi-Strauss, todo sistema de relações engendra outro, numa cadeia contínua.

Para a razão analógica de Paz, tudo é metáfora: a realidade, a linguagem, a metalinguagem. A palavra, enquanto uma pequena

combinatória feita de afinidades e oposições entre som, imagem e significado, já é uma metáfora. O mundo, por não ser um conjunto de coisas, mas de signos, é, por isso mesmo, também uma metáfora. Daí não existir, segundo ele, uma palavra original: "cada uma es metáfora de otra palabra que es una metáfora de otra e así sucesivamente"⁴.

Esse encadeamento metafórico forma, sob essa ótica, uma *constelação* (imagem cara a Octavio Paz), na qual a "fonte pontual de verdade" ou de origem deixa de existir. Isso, porque, não obstante o movimento (o ritmo) que rege essa cadeia se repita, os elementos se transformam, gerando uma pluralidade de textos e apagando qualquer indício de um suposto texto original.

É baseado nesse princípio, postulado por Lévi-Strauss a partir do estudo comparativo que realizou das várias versões de um mesmo mito, que o poeta-mexicano formula os conceitos de leitura e tradução. Criar é uma forma (também rítmica) de ler as metáforas do mundo; e considerando que a leitura *recria* essas imagens (o leitor, nesse caso, seria um "silencioso executante"), esta é também uma *tradução*. Assim, o ato de ler um poema é uma forma de traduzi-lo; e o ato de traduzi-lo em outro poema é uma forma de repeti-lo e de modificá-lo, simultaneamente.

Paz organiza, assim, pela via analógica, o seu conceito de intertextualidade, atento tanto ao que se repete em cada texto quanto ao que distingue um do outro:

"El juego de la analogía es infinito: el lector repite el gesto del poeta: la lectura es una traducción que convierte el poema del poeta en el poema del lector. La poética de la analogía consiste en concebir la creación literaria como una traducción; esa traducción es múltiple y nos enfrenta a esta paradoja: la pluralidad de autores.(...) La idea del mundo como un texto en movimiento desemboca en la desaparición del texto único; la idea del poeta como un traductor o descifrador conduce a la desaparición del autor." (*Los hijos del limo*, p.109)

Valendo-se dessa idéia de tradução como jogo intertextual, tensionado pela relação dialógica entre identidade e alteridade, Paz vai tratar também das questões do sujeito poético, da tradição, da ruptura, da história, do erotismo e da identidade latino-americana.

É importante salientar que, não obstante o poeta mexicano dialogue criativamente com alguns aspectos e correntes do estruturalismo, chegando mesmo a dedicar um livro inteiro ao pensamento de Lévi-Strauss, o método estrutural não explica a complexidade da teoria poética paziana e muito menos as contradições inerentes ao pensamento do autor. Paz, avesso ao cientificismo, além de relativizar as pretensões de objetividade do discurso

estruturalista, transcendentaliza, em vários momentos, os conceitos de analogia e poesia, levando-os para o território da metafísica oriental ou para os domínios esotéricos do Surrealismo.

O método estruturalista estaria, assim, presente, apenas em *certa medida*, no pensamento paziano. Através dele, podemos elucidar alguns traços da lógica relacional que atravessa esse pensamento, bem como compreender o caráter multidisciplinar da obra do autor, já que esta também se apresenta como uma combinatória de poéticas, teorias e saberes de vários tempos e lugares. Um sistema em contínuo movimento, cuja capacidade de metamorfose e de desdobramentos sucessivos a leva a ser sempre outra mesmo quando se repete.

NOTAS

¹ JAKOBSON. *Linguística e comunicação*, p.146-147.

² CAMPOS, H. *Metalinguagem e outras metas*, p.149.

³ PERELMAN. Analogia e metáfora, p.214.

⁴ El mono gramático, p.519.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, H. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

JAKOBSON. *Linguística e comunicação*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Trad. Chaim Samuel Katz. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

PAZ, Octavio. *Claude Lévi-Strauss o el nuevo festín de Esopo*. México: Joaquín Mortiz, 1984.

_____. *Conjunciones y disyunciones*. México: Joaquín Mortiz, 1969.

_____. *El arco y la lira*. México, Fondo de Cultura Económica, 1990.

_____. *El mono gramático*. Barcelona: Seix Barral, 1990.

_____. *El signo y el garabato*. México: Joaquín Mortiz, 1992.

_____. *Los hijos del limo*. Barcelona: Seix Barral, 1989.

_____. *Los signos en rotación y otras ensayos*. Edição de Carlos Fuentes. Madrid: Alianza Editorial, 1971.

PERELMAN, H.C. Analogia e metáfora. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Impr.Nacional/Casa da Moeda, 1987.